



Universidade de Brasília
Faculdade de Comunicação
Departamento de Audiovisuais e Publicidade
Habitação em Audiovisual

MALENA STEFANO LUNA

IMPOSSÍVEL:
UM ÁLBUM MUSICAL FEITO EM UMA MASMORRA

Brasília
Abril de 2022
MALENA STEFANO LUNA

IMPOSSÍVEL:
UM ÁLBUM MUSICAL FEITO EM UMA MASMORRA

Trabalho apresentado como pré-requisito para conclusão do curso em Audiovisual, do Curso de Comunicação Social da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília.

Orientador(a) do Projeto: Prof.(a): Luciano Mendes

Assinatura do(a) orientador(a): _____

בשם ה' אלוהי ישראל

מימיני מיכאל

ושמאלי גבריאל

מלפני אוריאל

ומאחורי רפאל

ועל ראשי ומעל תחתי שכינת אל

Em nome de Deus, o Deus de Israel

À minha direita está Miguel, à minha esquerda está Gabriel

Na minha frente está Uriel, atrás de mim Rafael

E tudo acima, ao meu redor, Shechinat-El.

Kriat Shema, oração judaica realizada antes de dormir

Brasília
Abril de 2022

Resumo: Essa memória é sobre as inspirações, processo e trajetória da criação de “Impossível”, álbum musical contendo 8 faixas, produzidas e escritas por mim. Aqui vou dissecar um pouco dessas etapas. Como não tenho uma formação tradicional em música, este álbum foi um grande desafio para mim, principalmente a busca por um material que soasse coeso sonoramente e interessante do ponto de vista artístico. Compus as faixas em uma abordagem *do it yourself* e essencialmente punk. O objetivo é mostrar a possibilidade de artistas confiarem na sua intuição e trajetória como maior guia para o resultado de um trabalho. Da mesma forma que a produção musical teve um enfoque livre, essa memória é escrita em primeira pessoa, utilizando da autoetnografia como metodologia, para uma escrita também livre e intimista. No final, pude concluir que fazer esse álbum parte do meu desejo de contar minha própria história, criando uma personagem e um cenário como subterfúgios narrativos para entender minha própria vulnerabilidade.

Palavras-chave: processo artístico, música, masmorra, trajetória, audiovisual, produção de áudio

Sumário

1. Introdução	6
2. Narrativa	8
2.1 Faça você mesma a sua história e seu álbum musical	8
2.2 A garota da masmorra	9
3. Meu caminho até o Impossível	11
4. Faixa a faixa	22
4.1 Mecanismos De Defesa	22
4.2 Elixir	23
4.3 Moonbath	24
4.4 Futuro Próximo	25
4.5 Proteger	26
4.6 Os Vampiros (Só Morrem De Tristeza)	27
4.7 Assuntos Mal Resolvidos	27
4.8 As Grandes Navegações	28
5. Considerações Finais	30
6. Referências	31
6.1 Referências Bibliográficas	31
6.2 Referências Visuais	31

1. Introdução

A seguinte memória trata de “Impossível”¹, álbum musical de 30 minutos de duração a ser lançado em junho de 2022. Todas as letras foram escritas por mim, assim como assino todos os sintetizadores do álbum. Eu recebi colaborações de outros artistas na percussão, em instrumentos como o violoncelo, o clarone e na mixagem.

Este álbum foi desenvolvido ao longo de dois anos (2019 - 2021). As 8 músicas do álbum são o resultado de um processo artístico intuitivo. Nessa memória eu analiso parte da minha trajetória psicológica para quem sabe assim eu possa chegar perto de uma compreensão mais detalhada do que me levou a produzir esse álbum e do que eu queria dizer. Minha metodologia é a autoetnografia, um tipo de pesquisa qualitativa focada em auto-reflexão através da escrita de experiências pessoais e anedóticas, conectando isso a aspectos culturais ou a algum objeto de estudo. Maréchal (2010) define que “a autoetnografia é uma forma ou método de pesquisa que envolve a auto-observação e a investigação reflexiva no contexto do trabalho de campo etnográfico e da escrita”.

No processo de produção do álbum, criei uma personagem que apelidei carinhosamente de “a garota da masmorra”. Essa garota foi presa por um Deus chamado “Impossível” em uma masmorra por desafiar o seu destino. A masmorra se tornou um elemento importante para mim, um cenário imaginário, uma analogia sobre minha própria impotência em relação a vida e suas encruzilhadas. Essa memória destaca parte do caminho que percorri até a finalização desse álbum e mostra a importância da minha trajetória no resultado final de um trabalho artístico. E até este momento na Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, este é o primeiro produto que se trata de um álbum musical, expandindo o leque de trabalhos que o campo do audiovisual pode abarcar.

Aqui vocês encontrarão um passeio por conceitos de narrativa e uma reflexão sobre a “garota da masmorra”, meu processo artístico, que inclui como eu produzi o álbum, com que equipamentos, meus primeiros contatos com o mundo da música e referências estéticas e um capítulo em que falo individualmente sobre cada faixa do álbum. No final, minha conclusão acerca da minha produção e do resultado dessa memória.

¹ Disponível em:

<https://soundcloud.com/malenastefano/sets/impossivel/s-Wr8OCf738uZ?utm_source=clipboard&utm_medium=text&utm_campaign=social_sharing> Acesso em 18 abr. 2022

Minha recomendação é que vocês escutem o álbum algumas vezes com atenção e peço que se distanciem um pouco de uma análise técnica e tentem se conectar com o material em um nível emocional.

2. Narrativa

2.1 Faça você mesma a sua história e seu álbum musical

Apesar de pouco conhecimento musical, o que me levou a querer compor um álbum? Posso dizer que a relação que eu tenho com a música é uma relação íntima. Ela está ligada a minha infância, aos cultos da igreja que eu era obrigada a frequentar, minha mãe tocando o órgão, meu pai tocando o clarinete, as poucas aulas de violino que tive, meu irmão escutando música pop no seu discman em uma típica imagem dos anos 2000.

A internet trouxe novas perspectivas sobre quem pode criar e sobre quem comanda esse processo de criação. Se antes os músicos saíam de suas cidades pequenas e se aventuravam nas metrópoles esperando uma oportunidade de serem notados por uma grande gravadora, agora eles podem continuar em suas cidades de interior e lançar seu material online. Ficar anos e anos em um conservatório de música agora também é apenas uma opção. Paula Sibilía (2008, p. 9) chama esse fenômeno de “a hora dos amadores”. Através da participação, produção e compartilhamento de conteúdo na internet, o que eram antes apenas meros leitores ou espectadores passivos agora possuem presença midiática e o mais importante, uma plataforma.

Agora, nós, os plebeus, as pessoas comuns, finalmente temos uma ferramenta para contar nossas histórias. Nossa intimidade é documentada e postada. Através da documentação e acesso a uma plataforma, nossas histórias parecem ser mais importantes, como se tivéssemos finalmente conquistado o direito de nos narrar. E não, conquistamos o direito de nos documentar, mas narrar a si mesmo não se trata de um processo exclusivamente contemporâneo. Chiappini (2002, p.7) diz que a narração e a ficção nasceram praticamente juntas, pois o narrador narra o que viveu, o que viu, o que testemunhou, o que imaginou, o que sonhou e o que desejou.

Sibilía (2008, p. 16) também aponta para três grandes dimensões em que podemos estudar a subjetividade e a intimidade: a singular, que diz respeito à trajetória única de cada indivíduo, a universal que seria o extremo do singular, a outra ponta da corda, que trata das características gerais dos seres humanos e entre esses dois pólos, uma intersecção, uma dimensão particular ou específica, que visa detectar elementos comuns a alguns sujeitos mas

não inerentes a todos os seres humanos. Essa intersecção contempla aspectos culturais, marcadores sociais, fatores econômicos.

A dimensão aqui analisada é singular. Trata-se da minha trajetória como indivíduo, dos meus sentimentos, do que me inspira, do que desejo. Este álbum é sobre mim. Caso você que esteja lendo seja uma mulher, uma pessoa transexual, uma pessoa nascida em um lar protestante, pobre, de ascendência hispânica ou apaixonada por fantasia, pode ser que você se identifique de alguma forma. Nos encontramos então numa dimensão específica da subjetividade, mas mesmo assim, sempre seremos diferentes e nunca vamos experimentar o mundo da mesma maneira.

Escrevi minha história, mas ainda não estava satisfeita. Eu precisava dar vida a essas imagens, eu precisava desenhar através de sons o que eu tinha escrito. Schafer (1977, p. 175) diz que quando se trata de sons podemos interpretá-los ou desenhá-los, mas a imagem sonora que aqui proponho vai além de notação musical. Eu falo do meio mais tradicional possível de visualizar algo: a nossa própria imaginação. A intenção é que cada imagem seja visualizada como visualizamos a cena de um romance, de uma novela. Um álbum musical é o longa-metragem sonoro, é uma novela, por que som pode ser imagem e pode ser texto.

Nesse processo essencialmente punk e *do it yourself* escrevi minha própria história e fiz um álbum. Um álbum tão imperfeito como eu, como minha trajetória, como minha vida amorosa. Todos os sons que ouvimos são imperfeitos. Segundo Schafer (1977, p. 361) para que um som seja perfeito ele teria que se iniciar antes da nossa existência, um som iniciado antes do nosso nascimento e jamais interrompido em um processo *continuum* depois da morte. O verdadeiro som é o silêncio e eu me oponho ao silêncio.

2.2 A garota da masmorra

Ao compor este álbum e analisá-lo como estou fazendo agora, fiquei com receio de cair num narcisismo comum entre artistas. Fiz algumas tentativas ao longo do processo de criar um distanciamento entre a personagem presa na masmorra e eu. No final, entendi que esse distanciamento não era possível, eu não criei uma personagem nova. A garota presa na masmorra era uma hipóbole de mim. Trabalhar com hipóboles me parece mais sofisticado. Não preciso definir um limite entre uma personagem e meu verdadeiro eu.

A garota da masmorra é uma heroína. Ela não derrota o Deus que a aprisionou na masmorra, mas o ato de desafiar esse Deus é o seu chamado para a aventura e esse Deus, apelidado de “Impossível”, é o seu mentor. Os desafios de um herói não são somente físicos, são internos também. Vogler (1998, p. 52) diz que a trajetória do herói é transcender o próprio ego, mas que no início o herói é totalmente egocêntrico. Segundo . Vogler (1998, p. 52), ele é o “eu” que se distingue da multidão, ele é especial e sente que por isso merece um tratamento especial.

O que me faz diferente das outras pessoas a ponto de querer ter controle sobre meu próprio destino? Nada! Não sou diferente dos outros e essa afirmação só é possível depois do período de confinamento, das provações dentro da masmorra e do meu encontro com meus monstros internos, com anjos de asas prateadas, vampiros, com a minha própria vulnerabilidade. A própria masmorra aparece como símbolo de um dos elementos da jornada do herói que Vogler (1998, p. 41) cita: a caverna oculta, um lugar perigoso, muitas vezes subterrâneo e profundo, onde se encontra o objeto de desejo. É Perséfone raptada por Hades para o submundo, mas só assim ela é capaz de se tornar rainha, por que o objeto de desejo é o encontro consigo mesma, a superação dos próprios medos.

O desfecho aqui é a libertação de entender que não tenho controle sobre nada, mas que também me realizo através da ação, do meu ímpeto, do meu desejo de mudança. É o meu caminho de volta ao mundo comum. Fora do calabouço, o mundo volta a ser colorido e solar. Vogler (1998, p. 52) conclui que através do processo de integração de todos esses aspectos, o herói se torna uma entidade completa e equilibrada.

Vogler (1998, p. 53) também aponta para a identificação do público com o herói. Sempre há um aspecto do herói ao qual o público pode se identificar. O herói é impelido por impulsos universais como o desejo de ser amado e compreendido, de ter êxito, de sobreviver, de ser livre. Uma característica importante nas letras desse álbum é que elas são literais, tendo pouco espaço para a abstração. Quando canto sobre meu desejo de ser amada, de ter um homem passando os braços ao meu redor da cintura, abro espaço para uma identificação ainda mais fácil do público. Talvez nem sempre o papel de um artista seja produzir um conteúdo codificado e de difícil acesso, mas talvez dizer o que todos querem dizer, mas não conseguem ou não possuem ferramentas para tal.

3. Meu caminho até o Impossível

Sempre estive rodeada por música. Cresci em uma igreja protestante chamada Congregação Cristã no Brasil, mais conhecida como Igreja do Véu devido a prática de seus membros mulheres usarem véus brancos rendados durante os cultos religiosos ou em orações. Nos cultos dessa igreja variados instrumentos musicais formam sua orquestra. Minha mãe era organista e meu pai tocava clarinete. Quando criança tive aulas de violino na igreja e o pouco de teoria musical e solfejo que sei foi passado por minha mãe. Apesar de amar o som do violino, o que eu sempre quis foi cantar.

Quando criança tive contato também com a música pop. Meu irmão mais velho, adolescente na época, era fã da Christina Aguilera. Minha primeira conexão com a música pop foi com a Kylie Minogue. Lembro que chorei quando descobri que ela estava com câncer de mama. Mas foi na adolescência que fui me aproximando de outras sonoridades para além do pop. Passei por bandas de rock, post punk, música ambiente, folclórica, etc. Eu sempre usei a internet como uma grande biblioteca e passava muito tempo no Tumblr em 2012 e lembro que minha geração naquele momento gostava de encontrar artistas pouco conhecidos e dar destaque a eles.

Eu comecei a fazer música de fato em 2017. Mande para um amigo uma música, “*Y En Los Jardines, Primavera*” do espanhol Jabir. Ele sampleou a música e me mandou um instrumental. Criei a letra em alguns minutos e depois publiquei a música na plataforma *Soundcloud*. E assim nasceu “Sacrifício”, minha primeira música. Comecei a experimentar mais e me envolvi na pequena cena de música experimental de Brasília, participando de alguns eventos, a maioria deles em galerias de arte da cidade.

Figura 1 - Capa feita para a música “Sacrifício”



Fonte: Malena Stefano, 2017²

Eu comecei a compor as músicas presentes em “Impossível” no início de 2019. Minha ideia inicial era compor um álbum mais dançante, diferente do caráter experimental do que eu vinha fazendo. A primeira música a ficar pronta foi “Moonbath”, que compus junto com meu amigo, Clayton Borges, que tem um projeto de música eletrônica chamado Palma Dulce. Além dessa música, compomos algumas outras que nunca chegaram a ser terminadas.

Logo abandonei a ideia de criar um álbum extremamente *uptempo*, ou seja, com um ritmo mais acelerado, mas mantive essa minha colaboração com o Clayton. Eu decidi conectar as peças, tanto no que tangia ao meu emocional naquele momento, quanto nas coisas que estavam me inspirando. Quando percebi que tinha escrito um número considerável de letras, comecei a analisá-las e os temas que me perseguiram eram claros: futuro, destino, vulnerabilidade, amor romântico. Comecei a fantasiar com essa personagem, que no caso é uma hipérbole de mim mesma, lutando para ter controle do seu próprio destino. Me irritava profundamente como todos os meus desejos nunca eram realizados e sentia como se algo maior estivesse escrevendo minha história por mim. Para ter controle do meu próprio destino a solução era derrotar esse ser superior ao qual chamei de “Impossível”.

² Disponível em: <<https://soundcloud.com/malenastefano/sacrificio>>. Acesso em 05 abr. 2022

Neste cenário de fantasia fui adicionando aos poucos novos temas nas músicas, temas que sempre me fascinaram como anjos, vampiros e o sentimento ibérico de encarar o desconhecido (o mar) e na sonoridade incorporei cantos gregorianos e ortodoxos russos, violoncelos, órgãos e os vocais se tornaram mais dramáticos, fazendo alusão a minha criação protestante, ao som do órgão que foi presente na casa da minha família desde sempre, as imagens que via na igreja, dezenas de mulheres com véus brancos na cabeça. Quando compus “Futuro Próximo” e “Assuntos Mal Resolvidos” no final de 2019, tudo já estava mais claro para mim. Entendi a natureza conceitual do projeto e comecei a me interessar pelos visuais medievais em 3D de alguns *videogames* como *Devil May Cry 2*, *Resident Evil 4* e mais tarde, *Skyrim*. Dentro desses jogos existem um tipo de cenário chamado *dungeon crawl*, que são basicamente cenários específicos dentro desses jogos onde o jogador deve lidar com monstros, armadilhas e outros tipos de desafios. Estes cenários são inspirados nos *dungeons*, em português “masmorra” ou “calabouço”, cômodos escuros e úmidos, localizados nos pisos inferiores dos castelos, que no passado foram usados como prisões.

Figura 2 - Eu, sentada, com o órgão da minha mãe atrás

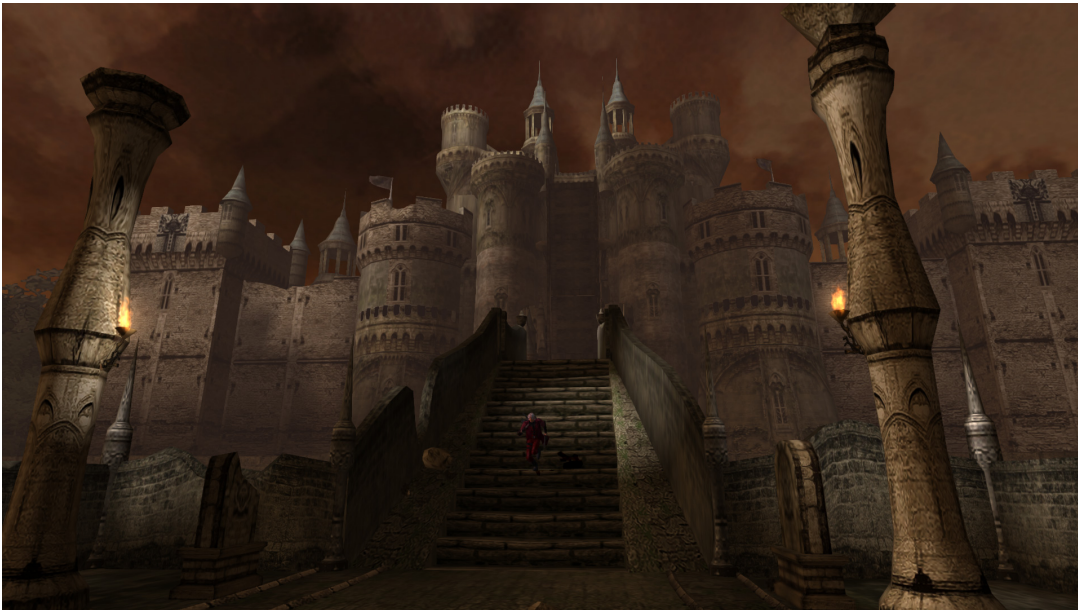


Fonte: Malena Stefano, 2021.

O cenário onde eu compunha minhas músicas também mudou. Eu estava presa em uma masmorra e meu crime tinha sido desafiar meu destino, o que me estava premeditado. Meu álbum consistia no que eu tinha criado dentro da masmorra e assim apelidei o gênero das músicas presentes nesse álbum com o termo *dungeon pop*, significando literalmente uma

música pop feita dentro de uma masmorra ou inspirada por esse cenário. Quando esse conceito estava mais maduro, chamei meu amigo e também colaborador, Joaquim Ramalho, que criou o *visualizer* para as músicas do álbum. O *visualizer* consiste em diversos planos de um castelo 3D, inspirado pela estética dos jogos citados no parágrafo anterior. Joaquim também fez o *lettering* que acompanha o *visualizer* e a logo desse projeto, baseado na minha própria caligrafia.

Figura 3 - Castelo em Devil May Cry 2



Fonte: Nintendo World Report³

³ Disponível em:
<<https://www.nintendoworldreport.com/review/51041/devil-may-cry-switch-review>> Acesso em 05 abr. 2022

Figura 4 - Um *dungeon crawl* em Resident Evil 4



Fonte: Resident Evil Wiki⁴.

Figura 4 - Uma masmorra em Skyrim



Fonte: PC Games N⁵.

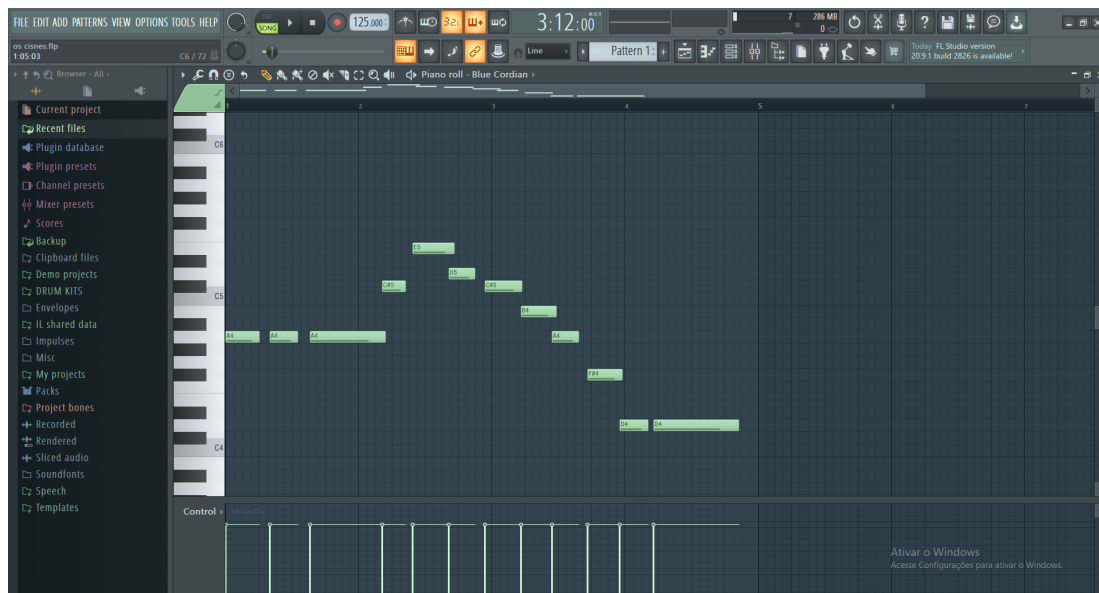
Para compor, eu utilizei o FL Studio, um DAW (Digital Audio Workstation) que permite a gravação através de instrumentos virtuais (VSTs). Os órgãos presentes no álbum, eu gravei

⁴ Disponível em: < <https://residentevil.fandom.com/wiki/Castle/Storeroom> > Acesso em 05 abr. 2022

⁵ Disponível em: < <https://www.pcgamesn.com/the-elder-scrolls-v-skyrim/mod-dungeons-overhaul> > Acesso em 05 abr. 2022

diretamente no órgão da minha mãe durante uma temporada na casa dela no interior do Tocantins. Meus vocais foram gravados usando o microfone do iPhone 6 plus, mais tarde regravei os vocais com um microfone Behringer, mas acabei por usar os primeiros vocais gravados no iPhone, mesmo que apresentassem uma qualidade inferior técnica, eles estavam mais emotivos. Junto com o FL Studio, usei também um teclado controlador Evolution MK 449 C ligado ao software, assim conseguia ter mais liberdade para compor já que esse teclado tem 48 teclas. Meu teclado controlador é de segunda mão e somente as teclas principais e o pitch (mecanismo com o qual eu consigo alterar o tom do instrumento) funcionam. O local de composição foi sempre o mesmo: meu quarto na SQN 406, que consistia em um guarda-roupa e um colchão no chão.

Figura 5 - Interface do FL Studio



Fonte: Malena Stefano, 2022.

Figura 6 - Eu tocando uma melodia usando o teclado controlador Evolution MK 449 C



Fonte: Malena Stefano, 2021.⁶

Quando as demos ficaram prontas no meio de 2021 comecei a procurar por um selo. Queria muito que o álbum fosse lançado por um selo brasileiro, já que todas as letras são em português e dessa forma, o álbum estaria em um catálogo também, diferente de trabalhos independentes que podem acabar perdidos. Acabei conversando com Gustavo Paim e Aline Vieira e fechamos para lançar meu álbum pelo selo deles, a Meia-Vida, fundado em 2012 e importante na cena *underground*, principalmente em Curitiba.

⁶ Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CUVOnLhg3-5/>> Acesso em 05 abr. 2022

Figura 7 - Lettering com as iniciais do meu nome



Fonte: Malena Stefano, Joaquim Ramalho, 2021.

Figura 8 - Lettering com o título do álbum



Fonte: Malena Stefano, Joaquim Ramalho, 2021.

Figura 9 - Lettering com meu nome



Fonte: Malena Stefano, Joaquim Ramalho, 2021.

Figura 10 - Screenshot do *visualizer* para as faixas do álbum



Fonte: Malena Stefano, Joaquim Ramalho, 2021. ⁷

A capa do álbum foi fotografada por Marcos Paim. O vestido que uso é inspirado nos vestidos de prenda gaúcha e maquiagem com rosto pálido e blush marcado é inspirada na era georgiana no Reino Unido. O local da fotografia é uma colina no Lago Sul em Brasília. Para o merchandising do álbum resolvi criar uma camiseta. Convidei então a artista Lalo, também residente em Curitiba, para criar uma ilustração. A ilustração foi inspirada em temas da mitologia greco-romana como o rapto de Perséfone e apresenta o *lettering* criado para o *visualizer* e ornamentos típicos da *art nouveau*, com uma moldura e desenho em linhas delicadas e sinuosas.

⁷ Disponível em:

<https://drive.google.com/file/d/1PUzsBIYszjgwuI4obYDH4UL_792Sd-kk/view?usp=sharing> Acesso em 05 abr. 2022

Figura 11 - Ilustração para o *merchandising* do álbum



Fonte: Lalo, 2021.

Figura 12 - Ilustração para o merchandising aplicado em um protótipo de camiseta



Fonte: Lalo, 2021.

Figura 13 - Capa oficial do álbum



Fonte: Malena Stefano, Marcos Paim, Edu333, 2021.

4. Faixa a faixa

4.1 Mecanismos De Defesa

A primeira faixa do álbum fala sobre o medo de se entregar a um grande amor, sobre como nossas relações podem ser perigosas, pois nesse processo lidamos com nossa autoestima, mágoas passadas e expectativas. A “luz de verão feito lâmpada de LED” foi minha maneira de ilustrar a ideia de um verão que não tem fim. O sol nunca se põe nessa paisagem, ele chega ao crepúsculo e nasce de novo. O instrumento usado são cantos gregorianos sampleados e recortados, transformados em MIDI e tocados em uma melodia criada por mim no meu teclado.

Letra:

*Eu sei que tudo fica mais bonito
quando se ama alguém, quando se é amada
e sei que amar um garoto é correr perigo,
assumo os riscos, eu assumo os riscos!*

*E quando os sonhos se tornam flashes,
luz de verão feito lâmpada de LED
e tudo o que eu sinto é saudade,
e tudo o que eu sinto é saudade.*

*Talvez, talvez, talvez
toda essa mágoa tenha criado
fortalezas dentro de mim,
fortalezas dentro de mim.*

*Talvez, talvez, talvez
eu não seja tão bonita assim,
mas coragem vale mais do que beleza,*

coragem vale mais do que beleza!

4.2 Elixir

Eu escrevi essa música dentro de um ônibus em abril de 2019. Ela é uma lista de frases normalmente ditas por garotas em seus relacionamentos. A ideia que eu quis passar era que a letra fosse o pedaço do diário de uma menina apaixonada. O título é por que a música pode servir com uma poção mágica para esse coração quebrado. Essa música é especial porque meu amigo Sombrio Da Silva gravou ao meu pedido alguns arranjos com o clarone. É a música mais radiofônica e pop do álbum. A percussão foi feita por Joaquim Ramalho e lembra bandas marciais e house music.

Letra:

Dói demais

quando ele fica em silêncio,

quando ele diz que não tem tempo

pra nós dois, pra nós dois.

Dói demais

quando ele fica em silêncio,

quando ele diz que não tem tempo

pra nós dois, pra nós dois.

O que eu fiz de errado dessa vez?

Por que ele sempre está certo

anyway, anyway.

De qualquer maneira

vou passar a semana inteira

procurando os detalhes nessa novela.

Minha intuição nunca erra,

minha intuição nunca erra.

Dói demais

*quando ele nega meu abraço
e se faz de ocupado.*

Mentira!

*Ele só não tem tempo para mim,
ele só não tem tempo para mim.*

*Mas um dia eu vou superar esse sentimento,
Vou responder suas mensagens com indiferença.*

Vai! Te deixo ir...

*Um dia quem sabe você volte para mim,
quando você se tornar um homem.*

4.3 Moonbath

“Moonbath” é minha colaboração com Clayton Borges, que assina seus trabalhos com o pseudônimo Palma Dulce. Criamos essa música juntos no apartamento de Clayton em abril de 2019. Era uma noite de lua crescente. Enquanto estávamos compondo, a letra foi aparecendo de forma instintiva. É a letra mais abstrata do álbum. Ela fala sobre ser possuída pela lua, tornar-se um lunático.

Letra:

*Eu sinto sono,
eu sinto sono e euforia ao mesmo tempo.
Será que estou louca?
Talvez este seja o normal.
Vou tirar a roupa,
tomar um banho de lua no quintal.*

*Durma debaixo da luz,
por que debaixo da luz é quente.
E é melhor do que sentir frio,
e é melhor do que sentir frio.*

*Me voltei pra dentro para descobrir
o que há de errado em nós dois.*

4.4 Futuro Próximo

“Futuro Próximo” apareceu para mim em um momento de grande tristeza. Era final de 2019 e eu estava sem um lugar para morar, tinha sido despedida do meu emprego e não ia bem na universidade. Decidi colocar tudo para fora! Essa música para mim é um feitiço, um sigilo. Nela eu falo que todos os meus desejos serão realizados, até os mais perigosos deles. No início destaco que existe um futuro próximo inventado por Deus e inventado por mim, me dando dessa forma o poder divino de mudar meu destino. O menino de bom coração representa minha eterna busca por um relacionamento inocente, quase infantil.

Letra:

*Em um futuro próximo,
em um futuro próximo,
em um futuro próximo
inventado por Deus.*

*Em um futuro próximo,
em um futuro próximo,
inventado por mim,
inventado por mim.*

*Todos os meus sonhos serão realidade,
até os mais perigosos deles.
Eu tenho medo, eu tenho medo*

*de ficar sozinha para sempre,
mas sempre estive então
o que me custa fantasiar um pouco
com os braços dele ao redor da minha cintura.*

*Mas eu sei que no meu destino está escrito
que virá um menino de bom coração
e assustado como eu,
e assustado como eu,
e assustado como eu
e assustado como eu.*

4.5 Proteger

Comecei o esboço de “Proteger” em janeiro de 2020. A música ficou parada até 2021 quando conheci Bernardo Pádua. A ideia era que Bernardo contribuísse para a música com violoncelos e isso aconteceu. Eu quis escrever as imagens mais bonitas possíveis nessa letra, sem medo de parecer brega. Bernardo abandonou a música e tive que terminá-la sozinha, mantive os violoncelos ao fundo. Infelizmente não somos mais amigos. Bernardo colocou na cabeça que eu era apaixonada por ele e que ele não poderia corresponder, mesmo eu tendo falado claramente que só queria ele como amigo. Ele terminou uma relação que nunca existiu através de uma grande mensagem de texto que me atormenta até os dias de hoje.

Letra:

*Proteger nossos corações da maldade e da culpa,
encontrar um esconderijo longe dos olhares dos outros.
Meu medo é te perder no escuro das nossas dúvidas,
eu sei que existe amor!
Um amor tão forte como o brilho das suas asas,
asas prateadas como a lua cheia.
Eu posso te ver desaparecendo no horizonte:*

Uma nova estrela.

4.6 Os Vampiros (Só Morrem De Tristeza)

Quando a pandemia estava em seu pico, uma pessoa conhecida minha me convidou para passar um mês em uma fazenda, isolados do resto do mundo e protegidos do vírus. Foi nesse cenário rural que criei essa música. Inteiramente produzida por mim. Eu sentia uma necessidade de puxar para esse projeto temas mais góticos. Imaginei então o reencontro de uma vampira e seu grande amor depois de centenas de anos e a impossibilidade desse amor se concretizar, porque o amor nos torna tristes e a tristeza nesse meu conto vampírico é a única maneira que um vampiro pode morrer.

Letra:

*Eu sinto saudades dos nossos voos noturnos,
das suas mudanças repentinas de humor.*

*De quando nós dois abraçados assistimos
uma aranha comer um beija-flor.*

*E você parece me parece ainda mais bonito,
mais bonito que há 300 anos atrás,
mais próximo do fim,
mais próximo do fim.*

Os vampiros só morrem de tristeza.

É por isso que os vampiros não podem se apaixonar.

4.7 Assuntos Mal Resolvidos

Essa música também foi escrita no mesmo período de tristeza e desespero que “Futuro Próximo”. Aqui, a garota da masmorra tem seu momento mais épico. Um capítulo dedicado

somente a ela. É minha jornada até o céu para derrotar esse Deus, o “Impossível”, para ter o controle do meu próprio destino.

Letra:

*O céu não é tão longe, nem tão alto assim.
Levo a minha espada, os mapas que desenho
e assuntos mal resolvidos,
e assuntos mal resolvidos.*

*Meu destino está escrito
por um Deus desconhecido,
que tento enfrentar
sem muita sorte ou sucesso.*

*Quero mudar o que está escrito
e escrever do meu jeito,
por isso eu caço maneiras
de prever o futuro, mudar o futuro,
de prever o futuro, mudar o futuro.*

*O céu não é tão longe, nem tão alto assim.
O céu não é tão longe, nem tão alto assim.
Levo a minha espada, os mapas que desenho
e assuntos mal resolvidos,
e assuntos mal resolvidos.*

4.8 As Grandes Navegações

A última música do álbum também foi a última música a ficar pronta em novembro de 2020. Na época eu estava lendo “Os Lusíadas” de Camões e estava fascinada pelo sentimento

ibérico de explorar o desconhecido, de sair ao mar nas caravelas sem destino certo. A percussão desconstruída foi feita por Joaquim Ramalho.

Letra:

Sim, o meu amor é eterno como o oceano!

E amado por mim você jamais estará à deriva.

Os ventos sopram sua caravela em minha direção.

Sim, o meu amor é eterno como o oceano!

E amado por mim você jamais estará à deriva.

Os ventos sopram sua caravela em minha direção.

5. Considerações Finais

Eu fiz um álbum e estou muito orgulhosa do que criei. Um processo artístico pode parecer caótico e assustador, mas um artista sempre sabe para onde está caminhando, às vezes ele só precisa confiar no seu processo e isso implica confiar em si mesmo. Falar de si mesmo, ainda que em hipérbole, é sempre um desafio. A recompensa é poder permitir-se vulnerável usando de subterfúgio um trabalho artístico.

Aprendi que compor um álbum pode ser semelhante a inventar uma história para colocar uma criança para dormir. Narrar é um ato ancestral e que toma novas formas e direções, mas que em sua essência sempre continuará a mesma coisa, independente do meio utilizado para essa contação. E se esse trabalho puder inspirar que outras pessoas contem (ou cantem) suas histórias do jeito que elas quiserem e com as ferramentas disponíveis, ele terá valido a pena.

6. Referências

6.1 Referências Bibliográficas

MARÉCHAL, Garance. Autoetnografia em Albert J. Mills, Gabrielle Durepos & Elden Wiebe (Eds.), *Encyclopedia of case study research* (Vol. 2, pp. 43-45). Thousand Oaks, CA: Sage Publications, 2010.

SIBILIA, Paula. *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. 1ª edição. Nova Fronteira, 2008.

VOGLER, Christopher. *A jornada do escritor*. 2ª edição. Nova Fronteira, 1998.

SCHAFER, R. Murray. *A afinação do mundo*. UNESP, 1977.

CHIAPINNI, Ligia. *O foco narrativo*. Ática, 2002.

6.2 Referências Visuais

DEVIL MAY CRY 2. Capcom. Capcom. 25 jan. 2003.

RESIDENT EVIL 4. Capcom. Capcom. 11 jan. 2005.

THE ELDER SCROLLS V: SKYRIM. Bethesda Game Studios. Bethesda Softworks. 11 nov. 2011.